

PERFIL DA SEMANA — DR. LUÍS RAINHA

ANGÉLICA SANTOS

«A PÓVOA AGIGANTOU-SE MAS DESPERSONALIZOU-SE»

O Dr. Luís Rainha desempenhou um papel fundamental na fundação da Sopete, há 25 anos. Recorda com muita saudade a Póvoa do tempo de infância, em que as pessoas constituíam uma grande família.

Uma das pessoas mais importantes na sua vida foi a esposa, com quem esteve casado 43 anos.

Nome Completo: Luis Filipe Ramos de Almeida Rainha

Data de Nascimento: 20/02/1915

Naturalidade: Póvoa de Varzim

Estado Civil: Viúvo

Profissão: Farmacêutico

Voz da Póvoa — *Passou a sua infância aqui na Póvoa?*

Luís Rainha — Eu fiz os primeiros anos do Liceu aqui na Póvoa, então o liceu tinha a denominação Liceu Nacional Eça de Queirós. Havia liceus centrais nas capitais de distrito e a Póvoa só tinha o 5.º ano e fiz o 6.º e o 7.º em Coimbra, no velho Liceu José Falcão, onde tirei o 7.º ano de ciências. Depois matriculei-me na Faculdade de Farmácia, inicialmente em Coimbra e depois transitei para o Porto, no segundo ano. Frequentei o curso de 33/38 e licenciiei-me em Farmácia na Universidade do Porto, em 38, no mês de Julho. Trabalhei alguns anos com o meu pai. E ele faleceu a seguir em 43. Tenho hoje 50 anos de profissão.

V.P. — *Que recordações mais vivas tem da sua infância?*

L.R. — A Póvoa nesse tempo era extraordinariamente diferente. Era uma terra que tinha uma sazonalidade bastante mais acentuada do que hoje. No Inverno, a metade litoral da Póvoa morria, não tinha vida quase nenhuma, mas em compensação o tempo balnear era muito mais extenso, tinha 3 meses de frequência balnear muito acentuada. Havia famílias que passavam a época balnear inteira aqui.

Não havia infra-estruturas, muitas vezes, de animação, faltava o Casino que só foi feito em 33. O que havia era um relacionamento muito grande entre as pessoas.

V.P. — *Havia certamente muitos mais turistas aqui na Póvoa?*

L.R. — Sim, muitos mais, e eles vinham principalmente da região Norte, era de Guimarães, Braga, St.º Tirso, todo o Vale do Ave... Trás-os-Montes debitava para aqui imensas famílias... Vila Real, Chaves, Vidago...

V.P. — *Portanto na sua infância conviveu com muita gente de fora da terra?*

L.R. — Convivi bastante, juntamente com um grupo de rapazes da minha geração. Após a licenciatura ainda trabalhei com o meu pai 5 anos, em 1943 ele faleceu e eu tomei a direcção efectiva e a propriedade da farmácia que ainda hoje mantenho, a Rainha. A farmácia foi criada pelo meu pai em 1894 e fará, dentro de alguns meses, em 1994, 100 anos. Eu tenciono comemorar a efeméride se Deus me der vida até lá.

V.P. — *A opção profissional está relacionada com a influência familiar?*

L.R. — Sim, em parte. Eu tinha mais vocação para as coisas da arquitectura, desenhava com facilidade... mas, enfim, eu tinha um irmão mais velho que estava em Medicina, uma irmã que esteve em Medicina também mas que por falta de saúde abandonou a vida universitária. De maneira que, em curta medida, eu fui um bocado orientado pelo meu pai que não queria que a farmácia fechasse. E eu acabei por me adaptar.

É claro, vim para a Póvoa e inseri-me fortemente no meio local. Passavam pela Póvoa, como lhe disse, um grande número de famílias e

eu tinha muito bom relacionamento com quase todas as pessoas que vinham para a Póvoa. Isto era uma família grande, a Póvoa hoje está um bocado dissociada, agigantou-se mas despersonalizou-se muito. Penso que é um fenómeno geral em todos os lados.



Dr. Luís Rainha

Mas, nessa altura, as coisas eram diferentes. Eu quando vim para cá, depois de licenciado, procurei integrar-me na vida social e não só. Fui vereador, no tempo do falecido presidente João Silveira Campos, por pouco tempo, foi cerca de um ano só. Fui director de um jornal durante cerca de 15 anos, o «Ala-Arriba». Eu gostava muito da vida jornalística e da imprensa regional. Eu fui provedor do Hospital da Misericórdia durante dois triénios. Em termos profissionais, fui delegado da Comissão Geral do antigo Grémio das Farmácias, hoje Associação Nacional das Farmácias. Em 1967 eu colaborei na criação duma grande cooperativa que existe hoje no Porto, que tem à volta de 270 farmácias, da qual eu sou ainda hoje presidente da direcção. É está hoje, salvo erro, no número 370, já vê que é uma cooperativa muito grande. Fui accionista-fundador da Sopete, depois fui presidente do Conselho de Administração da Sopete, de 71 a 74. Em 74 deixei. Voltei à Administração da empresa em 1983 e continuei até 1987. E daí até 1993 fui membro do Conselho Geral da Sopete. Deixei agora por vontade própria, porque estava cansado, e até porque a Sopete enveredou por um campo... digamos, extravazou um bocado o âmbito só da Póvoa, hoje é uma empresa grande com interesses muito grandes de banca e de sectores vitais da vida económica do país e, é claro, eu achei que já tinha prestado os meus serviços. Ainda sou accionista, ainda acompanho a vida da empresa, mas não tenho funções executivas nenhuma.

V.P. — *Geralmente é optimista?*

L.R. — Eu fui sempre uma pessoa que procurei ser equilibrada. É claro, que fiquei muito traumatizado com a morte da minha mulher, ainda hoje vivo a saudade dela. Mas ainda procuro, dentro de um conceito de espiritualidade, ir reagindo um pouco contra a adversidade.

V.P. — *O que gosta de fazer nos tempos livres?*

L.R. — Olhe, eu gostava imenso de jornalismo. E leio muito. Também tenho um bocado de jeito para a arquitectura e para dese-

nho e faço umas coisinhas de vez em quando.

Eu também escrevia bastante, mas ultimamente não o tenho feito. O passatempo favorito continua a ser a leitura e também gosto muito de música clássica. Tenho uma discoteca boa de música clássica e distraio-me muito com isso.

Estou horas inteiras a ouvir os discos, tenho muita coisa, tenho quase todas as sonatas de Beethoven.

V.P. — *Como se define?*

L.R. — Sou um pobre homem da Póvoa de Varzim, parafraseando o nosso imortal Eça de Queirós (risos).

V.P. — *Se fosse para uma ilha deserta diga três coisas que levava consigo.*

L.R. — (risos) Bem, em nem sei como seriam as minhas reacções. Não sei, foi uma pergunta de surpresa.

V.P. — *Qual é o seu prato favorito?*

L.R. — Eu gosto da culinária portuguesa, do peixinho da nossa terra e do nosso bacalhau à portuguesa, gosto, isso gosto. Mas aceito também a culinária internacional. Eu não sou esquisito em matéria de culinária.

V.P. — *Quem foi a pessoa que mais o marcou até hoje?*

L.R. — Bem, os meus familiares. A minha mãe morreu muito cedo, eu conheci-a mal, mas foi uma pessoa que educou muito bem a família. O meu pai deu-nos muito o sentido da responsabilidade e da disciplina. As épocas eram outras e éramos um bocadinho até às vezes ferozmente disciplinados. Éramos forçados a uma disciplina, mas o meu pai incutiu-nos sempre um espírito de dignidade, de isenção e de honradez, que eu herdei dele muito.

Depois, no decurso da minha vida, escolhi uma companheira, de quem ainda tenho imensas saudades, e que me deu sempre imenso prazer, que me acompanhou em todos os bons e maus momentos da vida. Só, coitada, não me pôde dar descendência, porque não podia alcançar. Estivemos casados 43 anos e na mais completa felicidade.

V.P. — *Dos problemas que se vivem hoje no mundo, o que o preocupa mais?*

L.R. — Hoje há uma tendência para o horrível, para os extremismos, para a tragédia. A gente vê isso nos filmes, na televisão...

Não se espiritualiza a vida, sabe, materializa-se muito a vida.

Agora vive-se muito o dia de hoje, a juventude começa muito cedo, entra muito cedo para a vida e depois chega aos 25, 30 anos já gastos. É tudo muito rápido. E esse sentido de violência... eu acho que se deveria regressar um pouquinho ao lado espiritual da vida, embora com certo sentido de racionalidade. Nos dias de hoje também não podemos dissociar-nos do desenvolvimento tecnológico, e isso condiciona muito o espírito. Eu tenho esperança que se há-de voltar a um equilíbrio. Nós estamos ainda a sofrer as consequências da 2.ª Guerra, as guerras trazem traumatismos sociais e culturais e depois há-de haver um período de equilíbrio. Espero que sim, que o fim do século nos traga a todos nós, um equilíbrio.

V.P. — *Acredita em Deus?*

L.R. — Acredito. Sou católico praticante.

V.P. — *Tem medo da morte?*

L.R. — Tenho. Não há ninguém que não tenha medo da morte, mas a gente tem que se capacitar que a morte é certa para todos nós, a hora é que é incerta, já dizia lá nos evangelhos. E a gente vai-se mentalizando, à medida que os anos vão pesando nos nossos ombros. Como sou católico, creio na existência de Deus e isso dá-me alguma força moral para pensar no fim da vida.